

## **DISCURSO SOBRE EVANDRO LINS E SILVA**

A minha amizade com Evandro Lins e Silva é herdada de meu pai. Quando Evandro iniciou-se na advocacia criminal aos primeiros anos da década de 30, o Tribunal do Juri atravessava o auge de seu brilho, com grandes advogados, grandes presidentes e grandes promotores. Como Presidentes encontravam-se e se sucediam Edgard Costa e Margarinos Torres. No Ministério Público achavam-se Roberto Lyra e Carlos Sússekind de Mendonça entre outros. Na Advocacia Criminal, basta recordar Evaristo de Moraes, Mário Bulhões Pedreira, Jorge Severiano Ribeiro, Romeiro Neto e Stélio Galvão Bueno. Com pouco mais de vinte anos, surgia Evandro. O campo era fértil e os exemplos eram desafios de cada dia.

O irmão de Evandro, Raul Lins e Silva, mais moço somente um ano, foi meu colega de Direito, falecido em 1968. Morava perto de mim na Urca, de 1943 a 1952. Em casa de Raul conheci os pais de Evandro e todos os seus irmãos e irmãs, sendo que uma delas, a mais nova, Nininha, foi professora de minha filha no Colégio Jacobina. Algumas vezes nos visitamos durante o casamento de Evandro, viúvo em 1984.

Acompanhei-lhe de perto a vida profissional, vendo aquele jovem logo se destacar entre os concorrentes, revelando grande capacidade de estudo e de técnica tribuniária. Evaristo de Moraes logo se interessou pelo novo colega e não escondia o entusiasmo e a esperança pelo seu futuro. Evandro também não escondia a grande admiração pelo veterano advogado criminal que havia estreado em 1894, com 23 anos de idade e falecido em 30 de junho de 1939, com 67 anos somente. A admiração de Evandro manteve-se intacta ao longo dos anos e há mais de vinte anos vem escrevendo a vida de Evaristo de Moraes, com muitos capítulos já terminados e alguns já publicados. A amizade com Evaristo pai continuou com Antonio Evaristo de Moraes Filho, meu irmão mais moço, que iniciou a advocacia criminal com Evandro na década de 50. E quando do falecimento de Evaristinho em março de 1997, o único orador no túmulo foi Evandro, recordando quanto tiveram de comum.

Com o ingresso de Evandro na Academia em 1998, as nossas vidas voltaram a se encontrar para grande alegria minha. Escrevendo com facilidade e correção, com grande cultura, tendo exercido cargos da mais alta relevância jurídica e política - Chefe da Casa Civil da Presidência, Ministro das Relações Exteriores, Ministro do Supremo Tribunal Federal - sentia-se em casa na Academia, logo conquistando a todos, fazendo de cada confrade um amigo.

A idade não lhe pesava, vivia cada dia com alegria e satisfação, com esperança, sem medo do futuro. Sempre estava a serviço do próximo, fazendo da advocacia a arte de resolver os conflitos de interesses, tornando a vida melhor e mais feliz. Viveu a vida com plenitude, beleza e entusiasmo. Nunca vulgar nem medíocre, destacava-se em tudo que participava. Mereceu os títulos e as honrarias que recebeu, e se mais vivera, mais mereceria ainda, pois imensa era a sua vitalidade. Dificilmente sua ausência será preenchida no conjunto de suas qualidades. O pouco tempo que Evandro ocupou a Cadeira nº 1 foi o bastante para marcá-la para sempre.

Nós, que fomos seus confrades, o teremos em nossos corações enquanto vivermos, como se ele fosse realmente imortal, pelo menos subjetivamente. Só a lembrança dele será capaz de preencher esse vazio.

Nunca serão esquecidos os seus feitos de coragem, de desassombro, de amor aos necessitados e aos excluídos. E tudo Evandro praticava sem bravata, sem vaidade e sem exibicionismo. Sua morte, tão inesperada e tão injusta, nos fez lembrar a frase de Manoel Bandeira: "a vida é traição". Que fazer?